

O Tenente - cor.^{el} João Segundo Adeodato de Póla Lobo, de Artémaria, professor da cadeira de Material, houvesse já de certa idade, sério, agrumado, tinha maneiras distintas. Os rapazes acrescentavam ao nome desta maneira: João Segundo Esquerdo Adeodato, etc. embora a sua recitação não merecesse a particular; mas era a natural tendência da mocidade. O assunto da cadeira era tremendamente arido; e como a sua exposição era monotona, as aulas tornavam-se-me insupportáveis.

E finalmente o capitão de Artémaria José Maria de Oliveira Simões, de quem adeante falei que falar mais. Muito salutar, era mestre distinto, experiente homem, dessemelhantemente; mas como a cadeira tinha suas dificuldades porque em geral a nossa preparação em química era insuficiente, e ele exigia muito, a rapaziada tinha-lhe medo e certa repugnância.

Havia ainda uns adjuntos:

O capitão José Joaquim Mendes Leal de quem já falei, quando foi meu professor de História e Geografia. ⁽¹⁾ Como o papel de

⁽¹⁾ A pag.^{as} 91-92, 96 e 98 deste volume.

adjunto da 1.^a cadeia era insinuar redinven-
tos de escripturações militar, os rapazes alcu-
nhavam o professor que por lá passasse « o
"chatinho dos papeis..." » apesar das antigas
relações, mantive-me sempre a distancia,
a distancia que ia dum capitão para um pri-
meiro sargento. Depois, nunca mais o vi.

O capitão João Evangelista Pinto de Ma-
galhães, « o canéco » de alcunha, não sei
porquê, era official de caçadores, inteligente,
republicano e alta dignidade na Maçonaria.
Bom homem, bonacheirão, tratou-me sem-
pre muito bem; os rapazes é que, em regra,
faziam pouco dele e quando podiam troça-lo,
troçavam-no ás vezes descaradamente, co-
mo acontecia nos exercicios tacticos no cam-
po de que ele era director. Estes exercicios
terminavam sempre por almoço que a esco-
la mandava ao local; e nessa refeição havia
certas liberdades que ele fingia não perceber
e tudo terminava em bem. Depois, muitos
anos depois, já general e a commandar a di-
visão em Coimbra, algumas vezes me cha-
mou para conversas e desabafos de carac-
ter politico — que se a vida lá chegar conta-
rei a seu tempo.

Quanto ao internato, formamos uma Companhia de Alunos, command.^{do} pelo capitão de Infant.^{aria} Afonso de Melo Perestrela que tinha a alcunha de João Branco, alcunha q. segundo diz nas suas Memorias o falecido Gonçalo Pimenta de Castro, lhe foi posta pelos alunos do anno anterior ao meu, por ser meu e ignorante, tal como «um carcereiro feroz que houve na Relação do Porto» nos tempos de D. Miguel.⁽¹⁾ Era assistido por ~~um~~ subalternos, um dos quais o tenente Virgilio Varela, fôra combatente em Marraqêne e tinha qualquer grãu da Torre e Espada. O João Branco era politico, homem elegante, creio que deputado progressista, muito sensível ás mulheres e aos pedidos que lhe faziam os rapazes bem relacionados, como o meu companheiro de quarto Arthur, sobrinho do então presidente do Conselho, para quem se desfazia em atenções de que beneficiávamos todos os do quarto, e' claro. Conta ainda o cit.^o Pimenta de Castro que «fôra muito protegido pela Monarquia, mas depois

⁽¹⁾ Gonçalo Pereira Pimenta de Castro: As Minhas Memorias, vol. III, pag. 177.

"passou a ultra-republicano" — o que eu acredito porque a impressão com que fiquei dele é a de que era o que vulgarmente se chama um estúpido.

Havia além do Tenente Varela, o Tenente Pessanha, de Cavalaria, deputado progressista, homem imponente, muito preocupado com a sua pessoa, com proezas de irresistível nível ás mulheres; com tipo que parecia levar a vida sem preocupações, mas que afinal aos dezoito, se suicidou em dia ainda era governador.

Os outros dois subalternos, os Tenentes Salgueiro e Ferreira (o Calcinhas de alcunha) eram creaturas insignificantes: o primeiro um pouco impertinado sem razão para tal além de ser casado com senhora formosíssima; o segundo, um poltro diabo sem personalidade que fazia grandes rafa-jés ao meu companheiro Artur Nunes porque queria ir para oficial de serviço no Colégio Militar, como, se me não enganar foi; e quando saiu foi substituído pelo Tenente Alberto Salgado por alcunha o Mataka, por ter entrado na campanha de 1898 ~~em~~ em 1899, em Moçambique contra o régulo Mataka. Era homem bilioso

reco, com modos ás vezes bruscos, tornava-se pouco simpático.

Estes officiaes mantinham, ainda a verdade que se diga, as melhores relações com os rapazes; fechavam os olhos a muita coisa mas ao mesmo tempo as formalidades e certas formalidades militares eram macadoras. Os corredores, que eram seis, dois em cada edificio, tinham o seu chefe ou comandante, sempre o mais antigo de todos; o do meu corredor, no 1.º ano, era o Vasconcelos e Sá, o autor da celebre canção da Margarida vai á fonte; estava no 2.º ano de Cavalaria, era rapaz correcto, fino, mas um pouco solrauceiro, já consciente da sua celebridade.

A vida no internato tinha os seus quês desagradaveis. Uma das tradições (creio que eram tradições...) era o roubo de um ou outro objecto necessarios que se sabia existir no quarto de algum vizinho. Eu tinha tudo fechado mas um dia dei por falta da maualha de barba que estava na gaveta da mesa de cabeceira; houve-se pois arrombamento ou abertura com chave falsa ou igual. Não sei já como cheguei a saber que o referente do 2.º ano de Cavalaria, Carlos Alvaros Pereira, fôra o

autor da brincadeira. Procurei-o no quarto. Ele, simplesmente, calculando as razões da minha visita, disse com o ar mais natural tirando de uma gaveta a maualha roumada:

— Você desculpe... É que eu precisava de fazer a barba e não ~~agora~~ tinha agora a minha...

Eu peguei na maualha e voltei as costas. Este cavalheiro era simpático, tinha a cara cheia de borbulhas e dizia-se descendente do Condestável... Tive de mandar desinfetar a maualha e afia-la de novo.

É como este caso, muitos.

Lapis, régua, livros escolares, tinteiros, eram objectos preferidos. E toda esta routheadeira era coberta com a palavra tradição.

Havia também o vício do jogo, principalmente com a batota. Em alguns quartos, os esportalhões em que se notabilizavam os antigos alunos do Collegio Militar, desperdiçavam o mais honradamente possível alguns instantes que caíam em arriscar as mesadas. Em frente do meu quarto havia uma dessas espeluncas, no quarto dos irruãos Gajão de Moura, de Cavalaria, antigos meninos da Luz, quarto que chegou a tornar-se suspeito aos officiais de dia.

Tudo isto me provocava umas ou outras reacções — tão diferente era o ambiente que, francam.^{te}, não julgava encontrar assim.

Uma dessas reacções causei-me a tra-
duzida num ponto que acho curioso deixar
agui transcrito:

Lamentações dum aluno de E. E.

Antes ser um misero cavador
Ou então miseravel jereualheiro;
Que vai passando o dia todo inteiro
A cavar sua terra com amor;

Antes ser um fadista, um artefheiro,
Ou ir para o Brasil ou ser doutor;
Antes ser aprendiz de entalhador
Ou então um perueute de bombeiro;

Antes ser um faxina, um municipal,
Antes ser arlequin, clown, jogral
Ou domador de feras afamado;

Antes ser a maior cavalgada,
Antes ser Gacharel sem formatura
Que um 1.^o sargento graduado!

Este poneto, bem incorrecto, feito aos 4 de Dezembro de 1900, ainda antes de um mês de internato, foi bem aquilo a que hoje se chama uma evasão. E quero crer, a cinquenta e tal annos de distancia, que foi um grito sincero de arrependimento.

Era, pareceu, já tarde.

Quanto a estudos... era o mesmo cáculo de Coimbra, muito irregular nas applicações, mais atento a leituras e trabalhos extra-escolares do que, propriamente, aos da obedição. Mas lá ia arrastando melhor ou pior a vida, mais ou menos pensabão, sem grande adaptação ao ambiente. Mas... tinha de ser! Os exercicios militares eram-me desagradaveis e, de entrada, não fui capaz de perceber bem o que se chamava a tactica abstracta; e quando me cabia a vez de fazer de sargento, havia sempre a mesma.

Lembro-me de que, numa occasião dessas, valeu-me o Saturnio Pires que era chefe-de-fila e me ensinava as vozes q. teris de dar. E o que são as coisas deste mundo! Depois, em subalterno, era mestre naquella gigajoga da tactica abstracta, que eu sabe se como cause-

coancia do meu feitiço metódico, ordenado e de certo repar.

Mas, como disse, continuava cáculo e os exames trimestrais ou conferencias como vulgarmente se chamavam, eram verdadeiramente o calerion. Inventavam-se processos para levar elementos auxiliares a que se chamavam calculos e perdia-se tempo preciso ao estudar esses processos, tempo que seria melhor aproveitado no verdadeiro estudo.

Eu, confesso, não fui á regra e, dado o meu temperamento metódico, organizava calculos muito perfeitos mas que umas vezes de pouco serviam, outras não eram aproveitadas, conforme a vigilancia exercida pelo professor. Assim, as notas que tinha eram em regra baixas e muitas vezes inferiores a 10 reales.

Passava as aulas, em regra, a ler qualquer livro, geralmente romance. Lembro-me de que me fez impressões a leitura de Os saltadores de Schiller, em traducção franceza; lembro-me de que me embrenhei em Balzac, e até num dos seus livros, a Leupenie Grandet, no final, escrevi a seguinte de verba: «acabei de ler este livro a 4 de Fe-

"vereiro de 1902, na aula da 7.^a Cadeira, Ma-
terial de Artharis, pseudo o anniversario do
 "nascimento do nosso immortal João Baptista
 "de Almeida Garrett, o que fez as Viagens na
 "minha terra." » Li tambem muitas outras
 obras em que os autores se misturavam sem
 cerimonia.

E depois, a minha falta de atençaõ e
 distracção que tanto me prejudicára no Liceu
 e na Univerſid.^e ocasionava episodios curio-
 sos de que ainda me lembro e que, já agora,
 vou aqui contar.

Uma vez, numa conferencia da 3.^a ca-
 deira, tática geral, com o bom Pinto da Fran-
 ça, um dos pontos era: « combate do latahão
em quadrado. » Eu ficára isolado, numa car-
 teira perto da mesa do professor; não podia
 trocar qualquer palavra com algum vizinho e
 fiquei-me a pensar que o ponto era exquisito;
combate do latahão em quadrado! coisa de que
 me não lembrava ter visto nos compendios
 ou nos regulamentos.

Mas, enfim, se o ponto podia e' porque
 se poderia fazer; e comecei eu a architectar
 uma resposta, um tanto vaga, fingindo a por-
 menores, evitando entrar no assunto; e re-

concedendo quanto possível á forma literaria, evaguei o quadrado dos Atoleiros, o quadrado de Xenofonte com os seus dez mil bravos, os quadrados de Waterloo; e com o espaço e o tempo occupados por estas evocações, deixei em branco o verdadeiro assunto. Quando saíram as notas, vi que merecera 8 valores, o que me não admirou pois logo que o exame acabou e troquei impressões com os condiscipulos, vi a asneira em que caí e, devo dizer, os 8 valores ainda eram muitos para quem não respondeu á pergunta.

Quando, na conferencia seguinte, entreguei o caderno, o Bento da Franca, muito amavelmente, com ares paternos, perguntou-me se eu percebera bem o ponto; não me lembro já do que teria respondido e ele então explicou:

— É que o seu ultimo exame não respondeu ao que era pedido e se lhe dei 8 valores foi pela forma literaria que deu á resposta e pelo conhecimento historico que mostrou. Decerto estava distraído... etc. etc.

Bom homem e compreensivo. E a seguir deu-me conselhos e incitamentos com palavras amáveis.

Outra vez, numa conferencia de topografia com o Mendes de Almeida, o ponto havia qualquer operação de triangulação de que eu andava quase em branco. Não conseguia servir - me das cálculas e lancei-me a fazer prosa mais ou menos literaria sobre as nauticas da triangulação, evoquei o padre Aragão (Francisco) e a medição do meridiano terrestre e vali-me das Aventuras de Tres russos e Tres ingleses, de Julio Verne, para dissertar acerca de trabalhos geodesicos. Enfim, eschi paginas do caderno com a minha boa letra e prosa pretenciosa e entreguei tudo ao professor com a maior desfeituração.

É claro que não esperava grande nota e fiquei satisfeito quando vi no quadro respectivo do atreio da Escola que mereci um mais de que modesto 6. Ainda foi favor...

Na conferencia seguinte, ao entregar o caderno não me lembro já com que assunto, o Mendes de Almeida com sorriso amarel perguntou-me:

— Desta vez, qual foi o romance de Julio Verne que lhe serviu para escher o caderno?

Como me não lembrasse logo do caso do outro exame, fiquei um pouco entediado; mas ele acudiu com o mesmo sorriso amavel:

— É que o sr. aluno, na ultima conferencia, limitou-se a resumir as Aventuras de tres russos e tres ciprises e fê-lo com habilidade e boa forma literaria que mereceram os 6 valores que lhe dei. Por isso é que lhe perguntei agora qual o romance de Julio Verne que preferiu...

Não garanto, evidentemente, que as palavras fossem estas, mas não deveriam andar muito longe das que aqui ficam. Passados anos, em 1919, quando estive no Porto com um batalhão de occupação a seguir á Monarquia do Paiva Couceiro, encontrei-o num electrico. Falei-lhe, disse-lhe quem era e na conversa veio á baila o caso da conferencia com o que ele ainda se ria dizendo que ~~o~~ se recordava do episodio.

Dentre nós, com o major Fernando Maia deu-se um caso que já contei em artigo da revista O Tripeiro e ao qual já me referi atrás. Não repetirei.

Ainda outra vez... Foi com o Ten.^{te} coronel Feliciano Bardalo Pinheiro, na aula de Fortificação passadeira; apauhei 14 valores, caso raríssimo em toda a m.^a vida escolar. Brataus-se, em certo dia, de canhoneiras, assunto, por tradição, dado aos engenheiros e artefheiros; chamados dois rapazes, ~~do~~ curso comum de Engenharia e Artíf. Maria, estenderam-se; o mestre zarpou-se e, com gesto brusco, abriu a caderneta ao acaso e disse recamente:

— O nr. n.^o 154!

Levantei-me, surpreso, e' claro; e quando descia a esca da coxia, perguntou-me com seu modo:

— O sr. sabe traçar uma canhoneira?

Disse-lhe que sim. Desci, apaguei no grande quadro de lousa os galáfunhos que os outros deixáram e comecei com a régua e o esquadro a fazer, perennam.^{te}, o traçado duma canhoneira manual ao mesmo tempo que ia dizendo as regras da construção. O Bardalo Pinheiro estava de costas, amuado; o desajuste dos engenheiros que quebráram a tradição aborreera-o e certamente temia a vingança dum candidato de Infantaria e Cavalaria.

Quando acabei o traçado, lancei rapidamente umas sombras com as regras da projecção da luz e ao fim disse-lhe:

— Pronto, sr. Tenente-coronel!

O Tenente-coronel voltou-se desconfiado. Olhou... fixou com atenção: na verdade, a canhoneira estava viva, patiente; as sombras davam-lhe grande relevo. Mudou de expressão, mirou-me de alto a baixo e disse-me já suavemente:

— Sabe traçar uma canhoneira empennada?

— Sei, sr. Tenente-coronel.

Apareceu o desenho e recommencei a outra, falando do mesmo modo, mas já de baixo dos olhares dele. Era mestre de fortificação mas era também Bordalo Pinheiro e não podia ficar indiferente a um desenho bem feito. Ainda não tinha acabado este segundo traçado, deu a hora; o official de serviços abriu a porta, mas o mestre ficou na mesma até eu acabar o desenho. Quando acabei disse-me com affectuosidade um « muito bem! » « muito bem! » e mandou sair. Cê jóia, a rapaziada rodeou-me, com palmeadas nas costas e o curso de Engenharia e Architectura

afastou-se calisbaixo. Quando veio a par-
 ta, tinha marcados 14 valores o que, para o
 Bardalo Pinheiro, muito pouco em notas, era
 classificação alta. O official de serviço que as-
 sistiu ao final da aula, disse-me á tarde que
 o professor lhe dissera que me teria dado 16
 valores se não fosse o estenderete dos espe-
 nheiros. Critério curioso de que já fôra vi-
 tima, no Liceu de Coimbra, como cantei, no
 exame de Literatura.

Foi este o grande dia para mim duran-
 te o ano e a maior nota que tirei nas aulas
 em todo o curso. Deante esta nota poder-
 se-ha duvidar da minha afirmação de cá-
 lculo feita anteriormente. A explicação é,
 porém, simples. Gostei sempre muito de
 Geometria Descritiva e este caso das canho-
 neiras era problema de projecções que em
 regra eu ensinava ou ajudava a resolver
 aos meus compaunheiros de quarto. Deu-se
 até o caso de, na vespera desta lição, eu lhes
 ter exposto com facilidade e certa redundân-
 cia de tarachas a construção das canhoneiras
 e lembro-me bem de que nos deitámos com
 tranquillid. porque a tradição era chamar os
 espenheiros e arbetaeiros e os dois compa-

nhaios contentaram-se com a simples compreensão do problema. Não há, pois, menção da m.^a parte; o meu estudo era muito irregular e seu reger superficial.

Desde triunfava e ainda me ocupava era nos trabalhos chamados «das salas», nos desenhos topográficos, nos gráficos das grandes unidades, nos cartões das espingardas para explicação do seu funcionamento, etc. etc. E até tinha tempo de fazer os trabalhos do Ernesto Luciano Torres que para desenhos era verdadeiramente azêlha e ajudar um ou outro que mais necessitasse e de quem me não lembrava já.

Quando acabavam as aulas, seguiam-se os chamados trabalhos de campo. Na cerca da escola abriam-se trincheiras, na Serra de Moisantó faziam-se levantamentos expeditos, visitavam-se fabricas de material, de pólvora e explosivos, passavam-se quatro dias em Taucos a observar os pontoneiros e os serviços varios de Engenharia; e este período terminava sempre por um exercício de quadros na Serra de Alfragide, entre Luz e a Seicheira de Rocha e Liuda a Pastora dirigido pelo professor adjunto João Guau-

gelista Pinto de Magalhães, o Caneco. Estes exercícios acabavam por almoço no recinto da reouaria á Senhora da Rocha de Carmaxide onde havia umas grandes mesas.

A refeição era alegre, sempre, como é natural; e o Pinto de Magalhães, a certa altura, familiarizava-se com os rapazes que no fim cantavam em câno diripido pelo João Duarte Benefeito, qualquer musica em voga, com letra improvisada que o atropia brejeiramente.

Bocados agradaveis que se não repetem na vida facilmente.

Com este Pinto de Magalhães, com quem, como se vê, os rapazes por vezes deliciavam, aconteceu que um dia na escola, ao desmanchar de um exercício de Infantaria, o Mario de Meeiros e outro que me não lembro já quem era, julpaudo o instructor afastado, desciam a rampa que levava á arrecadação do armam.^{to} já muito á vontade e cantando:

« O Caneco e mais a amiga
Fizeram uma patiscada... »

A quadra, porém, não acabou porque os dois seguiram, de cima da parada, o Pinto de Magalhães encostado á grade que dominava a rampa, dizer com o seu ar bonacheirão:

— Oh sr. Meuneres! ... Deixe estar que eu lhe darei o Caneco e mais a amiga ... Deixe estar ...

O Meuneres ficou aborrecido porque era rapaz educado, incapaz de garotice incorrecta; os outros riram-se á boca aberta ... E afinal o Magalhães apenas meteu medo; no seu íntimo até, quero crer, acharia graça e o caso passou em julgado.

Depois de tudo isto, vinham os exames. E nessa altura exacerbavam-se certas superstições que havia quase imaneentes no ambiente escolar. Eu, embora não fosse supersticioso, sem querer, deixei-me levar na onda e cumpriria, por ex.º, o costume de a mesma roupa que se levava ao primeiro acto ser a que se levava a todos os outros ... Como o tempo era quente, naturalmente a roupa, nos ultimos actos, não devia já estar muito limpa, não me lembrava já — mas era assim mesmo.

Sem querer, era difficil fugir ao preconceito geral.

Os exames, ou actos, vinham sempre quatro dias de intervalos se se não metesse o Domingo porque eutáo o intervalo ia a cinco;

Escola do Exército

Campuchia d'alunos.

Concedida

1-1
2-2
3-3

Ch. Simões

cap. inf.

Pede dispensa de jantar d'amanhã o alumno n.º 84/511,
Belisario Pimenta por ter de passar o dia com sua família.

Lisboa - 7 de Dezembro de 1900

Belisario Pimenta

n.º 84/511

Tratava-se pronto na mespera, cada pronto para dois alunos e assim se chegava ao final do ano lectivo.

A minha frequencia era, refito, irregular. Nas aulas real eguiliberei os 10 valores da tangente; o que me fazia subir eram os trabalhos practicos e tanto que fiquei no 2º ano, na classificação, mais ou menos a meio do curso, altura que mantive até á saída da Escola e q. continuei, por consequencia, na escala geral dos officiais da arma. Poderia citar o proverbio latino In medio vietus e assim me aqueci. Sei sempre, no meio, pela vida fóra.

De toda a minha frequencia deixei quadros parmenarizados no volume relativo á minha vida militar. Lá ficou todo o estedal da minha cácula.

No final do curso, no ultimo exame, ia havendo desastre.

Tratava-se da 8ª cadeira, vulgarmente chamada de Explosivos de que era professor, como já disse, o official de Artelh.º José Maria de Oliveira Simões, bom professor mas exigente. Eu tive certa difficul.º na cadeira porque quase tudo exigia conhecimentos de quimica organica e eu que era muito fraco; eu uma

chamada estendi-me e tive 8 valores; nas conferencias que foram duas não comparei mais do que 10 valores; faltei aos exercicios de laboratório — de modo que ia para o exame com média baixa — que era o mesmo que dizer que ia com má frequencia.

Eu conversei, no quarto, com o Artur Nunes, então meu unico companheiro pois que o Salgado perdura o ano e o Antonio Simas casara-se, muitas vezes falámos em reprovacao certa pois estavam convencidos de que não ~~era~~ seria capaz de me preparar a tempo e em termos de compensar a falta da frequencia. O Artur ia muito vez a casa do Tio Ernesto, então presidente do Ministerio e contava certas parbidas alegres e um ou outro episodio da vida escolar e de tal modo que, quer o Tio quer a esposa, D. Joana Chaves, mostraram desejos de me conhecer. Eu fingia que não percebia o convite e o Artur sabendo bem o meu feitio não insistia e só meladamente falava no caso uma vez por outra, quando cahava.

Orá quando o exame se aproximava e eu via que os Explosivos é que me fariam não levar o curso limpo, o Artur disse

me, um dia, á queima-roupa, ao regressar de casa dos tios:

— Sabes que meu tio perguntou se tu estavas em boa situação para os exames? Como tinhas a frequência e se necessitavas de alguma recomendação?

— Estás a falar a sério?

— Estão. E eu contei-lhe a tua situação na cadeira de Explosivos, explicada, e' claro, cá á nossa moda... Ele mostrou-se interessado e minha tia ainda mais e fiquei encarregado de procurar o Oliveira Simões e de lhe dizer que meu tio teria muito interesse em que terminasses o curso sem novidade... E eu vou, realmente, falar-lhe uns dias antes do exame.

Eu fiquei-me a olhar... Então o Heintze Ribeiro, o olimpico Heintze Ribeiro, interessava-se assim por mim? No primeiro impulso ainda disse ao Arthur que lhe agradecesse em meu nome mas que não me recomendasse ao Oliveira Simões; o Arthur protestou, chamou-me burro...

E eu, pensando um pouco, cheguei a concordar... E deixei correr, como aliás era meu costume.

Nas vespersas, o Arthur foi procurar o Oliv. Simões que, ao receber o recado, declarou que os desejos do chefe eram ardentes e acco-
 theu a que me dissesse, como coisa dele, Ar-
 tur, que estudasse eu bem o ponto e me pre-
 parasse para a chamada «parte uga». Está-
 va, pois, de antemão preparado para uma evi-
 dente aprovação — e eu, desceidadamente fui-
 the fazendo um soneto no proprio dia do ponto
 que calhou a 2 de Agosto, fixado sobre outro de
 Bocage. Ei-lo, já para:

«Amigo O. Simões, cuidas q. é barro
 Este ponto estopante com q. barro?
 Que nigromante me transforme em ferro
 De ha coisa friar em mais danada!

Ele faz com com q. aude encolicada
 Esta coisa que no peito encerro;
 O possêgo e o leu de mim desterro
 Quando the lanço a mão contrariada.

De estudar pouco, enfim, eu não me curo;
 Mas isto já me vai cheirando a esturro
 Pois o ponto é friar que um cachorro!

Oliveira Simões não seja burro!
 Sua mãe não me chame burro.
 Ou dá-me a aprovação ou dou-te um murro!

Isle não fez mal a ninguém... O que pro-
 dera era atrasar o estudo do ponto.

Ora eu dava-me com um rapaz açor-
 reano, de Lajes, chamado Francisco de
 Assis Coelho Bayes a quem puzeram a alcu-
 nha de Papirus por causa da jêra que usava
 no género da do celebre mystificador da época.
 Conteí-me, em conversa, num tarde, a mi-
 nha situação e o reciso do exame mesmo com
 recomendação forte; ele então ofereceu-me
 para me dar nas vesperas uma suaviza-
 dela sobre a parte vaga e outra sobre o pon-
 to. E assim foi.

O Assis (como era mais conhecido)
 deu-me umas explicações sobre as genera-
 lidades, explicações tão perfectas que fiquei
 com ideias mais clara do que a adquirida du-
 rante o anno lectivo, na aula. E no dia do pon-
 to deu-me mão no' a explicações necessarias
 dele como o collocou no quadro geral daque-
 le ramo dos conhecimentos. Auxilio precio-
 so como se calcula e no exame apresentei-

me tranquilo e ao expôr o ponto, caufarue era de uso na cadeira, fi-lo com certa segurança, pautadamente; e, quando havia motivo, derivava para casos gerais relacionados com o ponto (caufarue as indicações do Assis) — o que deu a impressão ao júri de que estava relativamente seguro no assunto e levava ás vezes o Oliv.º Simões a dizer amavelmente que voltasse ao ponto, pois não era obrigação a derivação para a parte vaga.

Enfim, couseguei (não sei como!) triunfar com certa admiração dos condiscipulos e em especial do Arthur, e muita satisfação do Assis Coelho Borges que viu a reunião de bem justificada. No final da hora, o Oliveira Simões deise um «muito patifeito» e na pauta apareceram 13 valores!

Na verdade, o exame em si talvez valesse mais; o pior eram os antecedentes e se atendermos a esses antecedentes não se pode dizer que o Oliv.º Simões não foi generoso. E foi, na verdade; e tanto que lhe fui agradecer a casa — e sinceramente.

Mas o episodio não fica por aqui. Meu tio Francisco de Assis Pimenta era, ao tempo, capelão do Conde de ~~Alagoas~~ Lateral

e costumava ser parceiro ao jogo, em casa do Sliutze Ribeiro, nessa altura numa casa de campo daquelle titular em Alge's. Quase todas as noites meu tio lá ia; e com o jogo vinha a conversa acerca de varios assuntos.

Uma noite, exactamente na vespera deste exame de Explosivos, o Sliutze Ribeiro disse a meu tio com algum ar de censura a seguinte:

— Então o sr. P.^o Francisco tem um poltrinho na Escola do Exercito, companheiro de quarto de um poltrinho meu e nunca me disse qualquer coisa? Queanhã faz ele o ultimo exame do curso...

Meu tio ficou entado.

Este meu tio Francisco foi destinado pelo Pais para a vida ecclesiastica; fez o seu curso no Seminario de Coimbra onde tomou ordens; depois formou-se em Direito e entrou não sei por que influencias, entrou como capelão do Marquês da Foz, na altura em todo o seu fastigio no palacio dos Restauradores, e tambem como receptor do filho do Marquês. Relacionou-se, assim, com a alta financa e a alta politica. Como o filho do Marquês, futuro Conde da Foz, fizesse o curso de Agrono-

meia, meu tio, para o acompanhar, também fez o curso e depois foram lá fora, não sei aonde, tirar um curso de especialização geométrica.

Ora no palácio havia uma « mademoiselle » francesa para ensino de línguas ao rapaz; meu tio aproveitava também as lições e daí nasceu ligação tal que o Marquês suavemente mandou embora a dama e, como isto coincidia com o declínio do seu fôlego, aproveitou para endossar o capelão ao Conde de Cabral. Era isto o que se dizia á bôca pequena e que, vá lá!, tinha todos os vizos de verdade.

É manda a verdade que se diga que meu tio tomou conta da « mademoiselle » com a devida discrição; e até por sua morte, em 1914 foi a herdeira dos papéis de crédito que possua e que ainda tornavam, se me não enganar, cerca de uns 20 contos.

Depois, como vagasse o cargo de director da repartição do Copre geral (creio que era este o nome) no Ministério da Fazenda, e dada as boas relações com o então ministro, o conselheiro Matoso dos Santos, meu tio foi nomeado e lá esteve até á morte.

Com todas estas relações e dada a minha situação no funcionalismo, este meu tio não ligava muita importância ao poderio republicano; eu é que, de não ser eu quando, o procurava no Ministério onde me recebia cá fora, numa espécie de autê-câmara em que não havia cadeiras, como quem não queria que os subordinados pudessem do parentesco e fizessem má juízo acerca dos seus peccados e crimes.

Ora compreende-se como a observação amigável do Heintze Ribeiro o teria deixado bastante surpreso e até certo ponto comprometido. O presidente do Ministério mostrava-se interessado por mim e a esposa, a D. Joana Chaves, tinha palavras de certo carinho para com o rebelde e ele, irmão do pai, ignorava tudo! Foi um verdadeiro entalão.

Não sei o que ele respondeu; o que sei é que, a meio do meu exame, numa das vezes que olhei f.º a sala, vi-o, a uma porta do corredor de comunicação, a espreitar; no final do acto, como podia sair, fui falar-lhe e fiquei admirado do interesse que mostrou por mim — pois só depois, pelo Arthur Nunes que

me contou os antecedentes, e' que sempre
endi o que se passára.

Quando veio a classificação e vi os 13
realeres, disse naturalmente a meu tio que ti-
nha que ir agradecer ao Sliutze Ribeiro a paci-
pacia e atenção que mostrou; ele agarrou to-
go a ocasião e ofereceu-me para me acen-
panhar e, de facto, no dia seguinte lá fomos
os dois a Algés mas com a parte, para mim,
de não encontrar em casa meu o presidente
do Governo meu a esposa; ficaram bilhetes
de visita e... pronto. Depois, pelo Artur, fiz
saber o meu agradecimento, etc. etc. e o Ar-
tur contou-me que á tarde do dia do exame,
o Sliutze Ribeiro se não esquecerá de pergun-
tar para a Escola o resultado.

E acabou assim a historia dos Vereires
« Explosivos. »

Este Artur Nunes era um bom esupa-
reheiro. Não tinha grande intelligencia, não
tinha cultura geral, mas estudava o seu bo-
cado e com o tio na presidencia do Governo
lá ia aguentando regularmente o curso de
Cavalaria.

Durante o curso emmerou-se de
uma rapariga que morava no rez-do-chão

do Campo de Sant'ana, filha de uma senhora da familia Deslandes; essa senhora, depois de viuva, teve esta filha, producto deus amores clandestinos. A rapariga era bonita, elegante e fina; mas a familia dele fez com q. o namoro acabasse pelo facto de la ser filha espezia — o que, para a prosapia dos Plintzes representava uma perda.

No dia em que o Rio ministro o chamou e lhe foi o ultimatum, appareceu-me na Escola com as feições transtornadas, os olhos um pouco inchados, com a calaca perdida. Queris-me contar a conversação e desaba-far, mas não ali, no quarto da Escola; perdemos dispensa do jantar e fomos jantar ao traucoso do Campo de Sant'ana, e de então me contou toda a historia, por entre lagrimas silenciosas. Conversámos amavelmente, em voz baixa porque havia outros frequentes; e eu não encontrei modos de o consolar pois na verd.^{de} ele estava muito embeicado pela rapariga que era, de facto, muito interessante. Lembro-me bem dessa tarde, no verão, e da comoção revelada por ele que se me querer me contaria alguma coisa e me ficou na memoria com tristeza.

Mas, enfim... Tudo se reuniria no
 se mundo. Ele, o Arthur, veio a casar depois
 e muito bem, em Torres Novas; e ela, a Ma-
 rcela Destlandes, tambem veio a casar com
 um rapaz official de marinha. Mas quando
 nos encontravamos, depois de largarmos a
 Escola do Ex.^{to}, a rapariga vinha sempre á
 colação e, diga-se a verdade, com verdadei-
 ra paudate.

Falei acima no Traucoso do Campo
 de Santa. Era um retiro curioso que nós
 frequentavamos muito e acerca do qual eu
 escrevi em 1905, numa noite em que esta-
 va de serviço no quartel de Infantaria n.º 23,
 umas paginas de recordação que ficaram aqui,
 nestas memorias, muito bem entremeadas.

O Traucoso do Campo de S.^{ta} Ana.

«Hoje, quando jantava só no quarto da
 minha companhia, vendo pela janela a chu-
 va que caía com insistencia sobre a rua en-
 charcada, eu tive repamente umas lembran-
 ças longinquoas dos meus tempos da Escola
 do Exercito.

« Porquê, não sei.

« D' minha memoria vinham suces-
sivamente, com a comodidade de um ho-
mem bem jantado, e suas lembranças desses
bons tempos e, supprando cornia e na ino-
lencia com que bebia, a frequentes tragos, um
copo do Regional, lembrei-me de tanta coi-
sa! Os meus dois anos do curso, o meu
compañheiro de quarto, o Flintze, os pro-
fessores, alguns condiscipulos, o Traucoso...

« Ah! mas o Traucoso... morreu!

« Esta ideia assaltou-me de repente;
no verão passado, no Luso, ouvira-o dizer
a um oficial reformado que o conhecia:

« — O Traucoso morreu!...

« Fôra numa ceia alegre. No intervalo
dumas anedotas que olriavam ao riso fran-
co, ouvira a nova, lançada como pédoas em
pauco fino. Mas não se estava em alturas de
recordações tristes; e a lembrança desagradá-
vel do velho Traucoso amestalhado, passá-
ra tão rápida como os brindes sucessivos
que se faziam sob a acção estimulante dum
arremedo de champagne fabricado nos ar-
redores. Sloje, jareu, não sei como meu
porquê, acudiu-me a lembrança saudosa

desse bom netotê de mistura com tantas outras lembranças dos meus dois anos da Escola.

« Sorinho, no quarto do quartel, e ver cair a chuva, tive umos vaga (se bem talvez que injustificada) saudade dessa época que se passou relativamente rápida por entre a cácula irredutível, ás colicas e a empenhóca desse freada; e o bom do neto appareceu-me mais simpatico ainda, com a sua barba branca cuidada, com os seus bons modos efeminados.

« Tive a vaga impressão do abandono, do caminho da netice. Os tres anos! Os quatro anos!...

« Ah, bom netotê! Como hoje a tua memoria simpatica me veio trazer saudades e tristezas! Nenhum rapaz, quem sabe! soube da tua morte; os do tempo talvez nem te recordem já e certamente que nenhum seria capaz de derramar uma lagrima por ti...

« Tudo passa. A memoria é muito mau arquivo.

« Por isso eu vou tracando neste papel o que a memoria e as impressões se-

jam capazes de reproduzir. Nos meus primeiros tempos da Escola, era vulgar os cadetes do 1.º ano não se amoldarem muito bem á corrida olímpica; os alieações de amarrelo ou logaritmos, os jantares de espaços e de outros jantares cujo nome de baptismo me não recorda já, não eram dos meus queridos. Até vezes, depois do jantar, saíamos para terminar a refeição em qualquer parte.

« Ora nos primeiros tempos, quando se dava este caso, euavia falar vagamente pelas bancadas no nome do Traucoso.

« — Vamos ao Traucoso... dizia-se aqui e ali.

« Eu não sabia quem era o Traucoso. E tanto avia falar nele que um dia decidi-me a desvendado esse mysterio.

« — Precisáramos de saber quem diabo é esse Traucoso, dizia eu para o meu companheiro de quarto, ambigo condiscipulo na Universidade que, pelo parentesco proximo com o presidente do Conselho de Ministros, todos tratavam por Plintze em homenagem a quem já ao nome do estadista despresando o de Nunes, o nome gloriosissimo mas banal do Pai.

«— Vamos apanhã almoçar lá, com
vinámos logo, de pedra e cal.

« E fomos.

« Saídos pela porta do picadeiro (de pas-
sagem proibida), cobidos com a parede para
se não ver o nosso uniforme de serviço in-
terno — lá descemos ao campo de Santana.
Numa das primeiras portas, á esquerda,
de um grande prédio, havia qualquer coisa
pendurada num ferro como taboleta anun-
ciando o que se fazia lá dentro. Ao chegar
a essa porta o Flintze (lá vai a admiração
dos grandes nomes) entrou e disse-me:

«— Cá estamos no branco!

« Estávamos, realmente, no branco!

« A pequena casa onde entrámos era uma coi-
sa que se não qualificava facilmente; uns
armários, umas prateleiras, um caixote com
canhão, uma mistura, enfim, de dispendiosa e
casa de lixo que não agradava por aí além;
e a pedir a cozinha.

« A cozinha era tudo: vulgar, é verdade,
de, com o mesmo fogão, a mesma chaminé,
a mesma mesa, os mesmos alquidares que
todas as outras têm; mas ao mesmo tempo
com duas personagens — que é como quem

diz dois casinheiros — pouco e pouco vulgares. Era o Traucoso e a digna causorte.

« Ah, bom Traucoso! Nunca me esquecerá a impressão que tive ao ver-te! Eras alto, forte, rosto efeminado, olhos suaves, ternos; meissas brancas cuidadosamente esfiadas; a ventral grande, irrepreensível; as mangas brancuíssimas da camisa com umas dobras, mostravam judicamente um pouco dos quistos cabeludos. Eras o tipo perfeito do bom methoté, garrana, até mesmo não te nales!...

« Tinha umas falas meansas, repassadas de uma extrema amabilidade; uns gestos equívocos de delicadeza que faziam a um bom observador, desconfiar do seu sexo. Dava-nos umas exaltações muito compridas de tal modo que nós tínhamos o apetite de o abraçar.

« A causorte era uma mulher gorda, pouco, pouco alta, cara energica e modos decididos: era o homem da casa. Era ela quem dirigia tudo, quem fazia os trocos, quem dizia os menús quem, enfim, ganhava e disputava! As vezes discutia com o marido coisas futeis, ridiculas; era um ovo real estre

lado, era uma costeleta mal temperada... Mas ele, o bom velhote, inalteravelmente, mexendo e remexendo as cacasotas, provando as panelas, dizia -lhe reciprocamente, encitadamente:

« — Deixa lá, mulher, deixa lá... »

« A seguir á cozinha é que era a casa de jantar: uma casa estreita, dois degraus abaixo, com duas janelas altas, ao fundo, pelas quais se via uma perspectiva bem triste: uns anexos da escola. Ao meio, duas mesas de marmore, juntas, com bancos pequenos em volta; um Século, um Diário de Notícias e... eis o que era «o traucoso», essa instituição onde cresceram umas gerações de rapazes, hoje conselheiros, generais, leutes, ministros!...

« O traucoso era pouco, muito pouco, mesmo; como se vê; mas para quem tira alguma consideração pelo passado, quem tem olhos para ver o tempo que passou como espedaete, o traucoso era muito, era mesmo muitíssimo! Oh! quantas vezes eu e o meu companheiro de quarto, o inseparável amigo não iamos para lá, quando alguma coisa nos apormentava, algum desgosto, quan-

to mais não fosse algum estenderete !... E quantas rétes, abançados ao fundo da meza, do lado das janelas, comendo uns apetitosos bifes ou umas palerosíssimas costeletas, bebendo com economia e polriedade um esplendido vinho branco, nós não conversámos em coisas sérias, em coisas importantes da nossa vida ?

« Umas réte até — lembro-me como se fosse hoje ! — vivámos uma conversa tão séria que de certo nos não esquecerá tão cedo, no meio de tanta coisa do mundo. ⁽¹⁾ »

« E o bom traucoso, forçando a sua gordura abdominal, lá ia curvado sobre o fogão, provando, reprovando, mexendo, remexendo, enquanto a mulher se indignava com algum vintém falso ou com alguma varina que carregava de reais nos grecos.

« — Deixa lá, mulher, deixa lá ! »

« Era sempre o mesmo paciente, o mesmo filosofico homem.

« Quando terminámos o curso (o Plim-tze e eu) fomos lá celebrar um dia tão polue. Houve champagne (oferecido) vinhos finos e

⁽¹⁾ Ver atrás, pag. 363.

doce; e o que foi esse alegre jantear não é fácil dizer-lo.

« Foi convidado um comum amigo, o Andrade⁽¹⁾, um esplendido rapaz com esplendido caracter; e os tres, abançados, sem querer saber dos outros camaradas — empregados publicos, solicitadores, um official reformado por incapacid. moral — nós só pensávamos que aquella perspectiva amavel do quartel — e apontávamos altivamente os olhos pelas janelas abertas — não mais nos parecia familiar, não mais nos parecia comum.

« Como pode pois esquecer o Traucoso, o bom parana, esse adoravel velho, a quem já passou por locados assim? Agora, aqui medido entre as quatro paredes velhas dum quarto de quartel, amarrado á olisipação de uma vida sem atractivos que não seja o das charlateiras ou tarde de musica nos jardins, é que nós sabemos quanto valem estes excellentes locados, certos dias como aquelle, inquebaveis, em que nós, erguendo um brinde entusiastico ao Traucoso, elle, com as lagrimas nos olhos, respondeu com voz estada:

⁽¹⁾ Antonio Lopes Rebelo de Andrade.

« Oh meus cadetes! ... Sejam felizes, sejam felizes! ... Não os tornarei a ver ... »

« E abraçava-nos com enternecimento de pai, deixando estragar uma fritada de ovos mexidos, sobre uma frigideira no fogo a escaudar.

« — Deixa lá, mulher, deixa lá! ... dizia ele, não querendo ouvir a voz inflexível da consorte que o chamava ao dever.

« — Viva o traucoso! Traucoso!

« — Oh traucoso! ... »

« O champagne mostrava o que valia e o traucoso chorava.

« De facto, nunca mais o tornei a ver. Nunca mais lá voltei.

« E há um ano, ao ouvir a nova da morte do velho cozinheiro, eu senti a pãua de invencível daquela creatura.

« Ah bom traucoso!

« Quantos conselheiros, professores, literatos, políticos, ministros, não foram ao teu salão comer os teus ovos fritos, os teus bifés, as boas costeletas, quando eram rapazes, como eu fui também? Quantos?

« Pois nenhum desses para quem fregiste os ovos e picaste os bifés teus e macios

será hoje capaz, ao saber da tua morte tris-
ta, de derramar pentidamente uma peque-
nina lagrima de saudade!

« Coimbra - 23 de Outubro de 1905. »

*

Flouve um episodio, durante o cur-
so, que deu que falar e causou ruídos nas es-
feras superiores: foi a chamada « greve do
café. »

Pouco depois do toque da alvorada ha-
ria formatura para se ir tomar o café ou chá
com pão e manteiga no refeitório recente-
mente construído em frente do internato.
Em certo dia, a 3 de Dezembro de 1905, um
dos rapazes atrasou-se um pouco, chegou ao
refeitório já nós estávamos sentados. O offi-
cial de dia se me não expanso o tenente Sa-
lentea, tomou-lhe o numero, disse qualquer
coisa desagradavel e deu parte no relatório
a ponto de haver procedimento embora leve.

Nós não gostávamos do Salentea e este
acto foi commentado e censurado com a na-
tural vivacidade de rapazes. Desse come-
çar e censuras nasceu a ideia de, no
dia seguinte, simplesmente ir ao café — que,

aliás, não era olivopatório. De facto, ás fortificações não faltou ninguém; mas ao to-que de «avancar» saíram do intervalo ap-enas os seis chefes dos corredores que entregá-ram as minutas, na parada, ao oficial de dia (que me não lembrero já quem era) e voltaram para os quartos.

O oficial de dia ficou atônito. Pergun- tou aos seis rapazes que se afastavam o que aquillo queria dizer; a resposta foi de que nin- guém queria tomar café... O Tenente man- dou chamar o command.^{te} da companhia de alunos, o João Branco; este consultou o 2.^o commandante da Escola que era o Jaime Lei- tões de Castro; o caso transpirou até ao Minis- terio e de tudo isto, depois do almoço, saiu ordem de detenção para todos os alunos.

A tarde, depois do jantar, na parada, houve certa algazarra; formáram-se dan- ças de roda; na vizinhança coexistiu que havia insubordinação... Levantou-se auto da occorrença e em 7 do mês saiu ordem da Escola com a decisão do commandante que era então o Conde de Bonfim, um bom velho te que raras vezes apparecia e quando o fazia era sempre de polvecasaca e chapéu alto.

A ordem que tinha o n.º 266, depois do prologo da praxe, considerava a falta á refeição do café como uma « manifestação colectiva » na qual fuis reprovados pelas leis » etc. etc. e distribuia 8 dias de prisão disciplinar ao porte diabo do Aurelio de Azevedo Cruz por qual quer ganobice a mais; 8 dias de detenção em casa apropriada aos chefes dos carradores; 8 dias de detenção simples a uns que, com o Aurelio Cruz, praticaram disturbios e 4 dias de detenção a todos os outros.

Viue, por consequencia, tambem quatro dias de detenção. (1) Foi a minha primeira punição que ficou no caderneta de praca de pré. Esta caderneta, como reliquia preciosa, entreguei-a ao Arquivo Historico Militar onde fica ao dispor de futuros investigadores se algum dia alguem se interessar por bagatelas desta qualidade.

Devo acrescentar que viue depois outros dias de detenção em 19 de Fevereiro seguinte devido a participação do Tenente Virilio Varela não sei já porquê. Lá ficou tambem no ca-

(1) A ordem n.º 266 que consegui arranjar, está guardada junto aos outros documentos.

devueta para atestar aos vindouros a grandeza do meu comportamento...

E já agora... Sempre contaria um caso picaresco, não por ele mas para se ver como se fazia justiça.

Pelas alturas dos festejos de S.^{to} Antonio no nosso 2.^o ano, eu e o Arthur Nunes publicamos pacatamente para a Escola, pela rua da Palea, S. Lazaro, Largo do Mestre, quando tivemos a ideia de comprar umas bombinhas inofensivas para as deitar na parada, por desfastio, antes do recolher.

Mas, não me lembro já por qual motivo, guardámos as bombinhas para as lançar, mais tarde, pela meia-noite, por partida verdadeira.⁶ pela realidade. E assim se fez. Pela meia-noite, estava a Escola toda em silencio; mas janelas da maior parte dos quartos havia luz; e nós, em meias, para não fazer barulho, fomos ás janelas da casa de banho, do outro lado do edificio, saltámos fogo com mecha, atirámos as bombas para a parada e recolhemos rapidamente ao quarto sem sermos presenciados. Mal fechávamos a porta, seu ruído, as bombinhas rebentá-

ram uma atrás da outra... Sentiu-se certo reboliço nos quartos, janelas que se abriam, vozes de um lado para o outro e quase a seguir passos no corredor.

Nós para não fazermos excepções, também fomos á porta e perguntámos o que havia a outros rapazes que apareceram esse dia de caso.

Nisto o official de dia que era o Ferreira, o Balcinhas appareceu aflito, verdadeiramente emrascado, parecendo já algum atentado anarquista. O que foi, o que não foi e o polveiro diabo do Ferreira a quem localizar os culpados pelo tizeiro cheiro de polvera que se espalhou, não sei como, pelo nosso edificio. Por fim tudo pareceu e nós dormimos sossegadamente e bem dispostos com a mulher minha parvida.

No dia seguinte, pareceu, appareceu o Mario Meuses, nosso vizinho de quarto, um pouco exaltado, a dizer que o Balcinhas estava a levantar auto contra ele e os compaheiros de quarto, porque concluiu pelo cheiro, que as bombas foram lançadas do quarto deles; e vinha saber se não seria nos nós os autores da breucadeira.

Nós tranquilizamo-lo, dissemos que o Calcinhas era estúpido, que ele afirmara aquilo apenas por adivinhação, etc. Mas depois do Meuses pair resolvêmos ir por o caso a claro e acabar com as suspeitas parvas do oficial de dia. Tardámo-nos convenientemente e iamos a carrinho do quarto do dito oficial quando o Artur parou e me disse isto mais coisa menos coisa:

— Ora meu lá: se vamos os dois ficarmos naturalmente apavorados porque o Calcinhas é envascado e não tem coragem para escolher o caso. Se fôr só eu, como ele quer ir para o Colégio Militar e eu já pedi a meu Pai, o homem, mais não, fôr Pedro no assunto e acaba-se a história.

Discutimos um bocado e eu acabei por concordar. E, meu dito meu feito: daí a pouco chegou o Artur ao quarto, a rir, e a contar mais eu meus por estas palavras:

— Que dizia eu? O homem já estava a levantar auto, furibundo. Mas quando eu lhe disse que fôra o autor da brincadeira, ele mudou de expressão e começou a rir e a dizer que os rapazes são o demônio. Eu contei o caso com particularidades que na ocasião me

vieram á ideia e ele não sempre... Ues
figuras! E não se fala mais em bombas...
O que ele quer é ir para o Colégio etc.

O assunto ficou arremado. Mais tar-
de, nesse dia ou no dia seguinte, encontra-
do-me com o Calcinhas, este deu-me uma
paucazinha no ombro e disse-me:

— Vocês são levados da tréca!...

Final, um pobre diabo sem personali-
dade para lhe não chamar estupêr.

E assim se passaram dois anos, um
pouco aos encontros, com alguns bocados
alegres, é certo, mas com muitos abarreci-
mentos e a consciencia vaga de que não era
aquele o meu ambiente nem o meu desti-
no natural.

E já para, mais outra lembrança.

Pelo quaresma, havia as confissões...
O capelão era um bom rethor, cheio de tole-
rancia para a rapaziada, incapaz de qualquer
atitude desagradavel. No 1.º ano, na altura
devida, lá fui com a turma nomeada, em je-
jum, para a capela, sob a vigilancia do ofi-
cial de dia. Como estivéssamos eu e o ~~vizinho~~
Pires Pereira J.º no fim da turma, saímos

da capela e fomos a um café da vizinhança, à Benefrosinha, e tomámos (lembro-me bem) ~~com~~ chocolate e pão com manteiga; depois, lá fomos ao confessorário onde o rethote parecia compromettido com a sua missão. Cumpria para conosco, dava conselhos, perguntava pela família e mais nada; quanto a orações tinha a cautela de não falar, deixava aos rapazes a iniciativa e só então procedia a valer com o confessor.

Os rapazes da turma resolveram, para não magoar o bom homem, irem todos sem preocupações, à comunhão; eu concordei por complacencia e pela primeira vez me sujeitei a esse acto. Mas como poubesse depois que se se pedisse ao rethote dispenza alegando falta de fé ou declarando que se era livre-pensador, ele autorizava a não ida a' chamada missa da comunhão, no 2.º ano, depois da conversão no confessorário fui franco e pedi-lhe a dispenza. Ele, com bom modo, disse que sim, deu-me conselhos e desejou-me o melhor éxito nos exames.

Como os tempos mudáram e os padres também! Qual é o padre que hoje será capaz de assim proceder?

Para compensar, depois da Páscoa, a companhia de ópera que funcionava em São Carlos, ia para o Coliseu das Portas de S.^{to} Antônio. Os bilhetes eram baratos e eu tive ocasião de ouvir varias operas. Não podia escolher muito porque nem sempre tinha facilidade de dispensa; se, casualmente, não tinha direito a dispensa e me interessava certa opera, havia o recurso de, depois do recolher, ir pela cerca abaixo e saltar o muro na altura da esquina da rua de Joaquim Bonifacio com a da Escola do Exército e de, á volta, dar um tostão a uns galegos que costumávam estar á meia-noite para ajudar paternamente a subida dos cadetes ao muro que ainda era um pouco alto e não se galgava sem auxilio.

Ainda assim, ouvi as seguintes operas, em regra da galeria onde, segundo os entendidos a audição era melhor:

Em 1901, além da Norma que foi ouvida em São Carlos com bilhetê oferecido por meu tio José Pimentã, ouvi a Giocconda, a Barman (duas vezes), a Sonambula, a Dinorah, a Boémia, os Puritãos, os Lepreiros, o Barbeiro de Sevilha, a Africana, a Serrana (de Alfredo Keil), a Favarita, a Cavalaria Rus-

Ricana e a D. Mécia de Oscar da Silva. Foi um fartote!

Em 1902: a Aida, a Carmen, o Elixir de amor, o Roberto, o Diabo, a Cavalaria Rusbiana e Palhaços, o Barbeiro de Sevilha e a Tosca — outro fartote e baratinho de meu querido com paudade.

Contudo, as minhas preocupações literárias continuaram e, em regra, políem-se às preocupações escolares.

Frequentava muito a casa de meu tio José Augusto Pimenta e do quadro das suas relações e do seu modo de vida, pensei em fazer uma novela realista, meu país meu nome! Lera antes quase toda a obra de Eça de Queiroz então muito discutida; e debaixo dessa influencia cheguei a começar a novela que ainda tenho para recordação copiada no volume muito citado dos Pecados Velhos, cheia de humorismo trocista e a forma literária muito calcada na prosa queiroziana.

É caso para repetir como Camilo, quando escreveu no prefácio do Eusébio Macaris, trocando a escola realista: « Ora a coisa em si era tão fácil que até eu a fiz... »

É claro que a tentativa era o resultado da minha falta de direcção intellectual. A obra de Luiz de Gueiros reduziu-me, a vida burguesa lisboeta autêntica em casa de meu tio era um verdadeiro apetite para quem, como eu, tinha suas veleidades. Daí, o atentado que felizmente não passou do começo: apenas uns dois capítulos de entrada e um fragmento de outro — por sinal que muito realista.

Releu, apenas, o atentado, verificou-se a facilidade relativa que tinha para imitar; na verdade o que escrever, sem ler, é claro, e sem a fluência da prosa do autor da Religião lembra bem o modelo pela insistência nas descrições e até pela forma do dialogo. Diabos, ras dum aluno da Escola do Ex.^o que procurava evadir-se (como se diz hoje) do meu apetite onde caíra.

Mas não ficaram por aqui os atentados.

Em Janeiro de 1902, ainda na Escola, influenciado pela leitura de Os meus amores de Trindade Coelho, pensei num conto romântico, piégas, que chamaria Um mojado no campo; deixei o entretanto estocado em fragmentos de correspondência transcritos nos

muito falados Pecados Velhos. Eu vivia, então, num estado de espirito sentimental propicio para a creação de tais quadros literarios.

Felizmente, ficou tudo em projecto.

Ainda no mesmo ano, por abril, parece que pensei num drama historico em que a figura central seria D. Laurencço, o filho de Dom Francisco de Almeida. A leitura do romancezinho de Pinheiro Chagas A joia do Vice-Rei seria a origem do plano? Já não sei dizer. O drama historico estava então em voga; as peças de D. João de Camara, do Marcelino, do D. João de Meudonça e outros, fizeram certo barulho. Tudo ajudou, estou convencido e o certo é que cheguei a traçar o esboço da peça... Encontrei-o ha pouco em copia duma carta que ficou nos ditos Pecados Velhos e que mostra bem como a minha imaginação não conhecia limites e o meu descaramento não olhava a compositora.

E fora disto, nos intervalos, por desfastio, ia riscando qualquer versalhada que mal fazia mal a ninguem — e que só fazia mal a mim que para a escrever ia sendo de lado os livros de estudo. Dizia eu ao Costa Ferreira, numa epistola em quintilhas, á maneira

na de Nicolau Tolubino, no final de uma delas:

« Pais calcula pou e hei-de ser
tal qual o Senhor me fez... »

É até é curioso verificar, pelas datas, que nos dias de pronto dava-me a receita para os marcar com um poneto ou qualquer outra especie de poesia. Era a tal necessidade de evasão como hoje vulgarmente se diz.

É era assim mesmo. Quando deixei de ser calcula, já não fazia exames...

Contradições constantes da vida e especialmente da minha vida.

Mas, enfim, naquela tarde em que fiz o exame ou acto de explosivos, como acima foi lapidamente contado, terminára o curso e estava dotado com um meio de vida. Tenho a impressão curiosa não sei se de alívio ou de tristeza; lembro-me bem que mandei telegrama a meu pai e que, pensando, fui a casa de meu tio José Augusto que me convidou para um passeio a Sintra onde nunca tinha ido e que só conhecia pela tradição das suas belezas; e depois de uns dois dias para despedidas e liquidar certos assuntos regresssei a Coimbra.

Ainda me lembro do momento em q̄ saí pelo portão da rua de Gomes Freire, pela ultima vez, para me dirigir á estação do Rossio, com o galego a traz que levava as bagagens. Não sei, com franqueza, descrever a sensação que sentia, qualquer coisa indefinida que poderia ser devido de varias impressões e, ao mesmo tempo, consequencia daquele estado de espirito a que já me referi — uma especie de inércia intelectual que me fazia acudir á tomada dos successos.

Tenho ainda presentes esses momentos, á saída do portão e ao caminhar pela rua de Gomes Freire direito ao Campo de Santana, para descer pela calçada do mesmo nome para o Largo de S. Domingos. Já só, entregue aos meus pensamentos; mas tenho bem presente que não ia alegre. Não senti a satisfação recidosa de alguns companheiros nem a má vontade de outros que, ao largarem o edificio, faziam gestos oliscuos de despreso; ia como que indifferente, levado pelos acontecimentos, como tocado de carbões á flôr de corrente trauda.

Assim tomei o comboio rapido da tarde, sem despedidas; e assim cheguei a Coimbra.

bra, já ao anoitecer, comeu um curso feito ao traubenhões e talvez comeu algumas ilusões.

Qualquer coisa que ficára, possivelmente, desses dois anos da escola para compensar essa indiferença fatalista que me perpassava há muito; qualquer coisa que por algum tempo me ia entalando mesmo esperança de conformismo para com a materialidade da profissão — como se fosse possível que a criança que ouviu um anarquista autêntico evangelizar a igualdade e fraternidade universais caubesse, sem resistência dentro dum fardo de oficial do exercito e, ainda mais, dum exercito mesquinho, sem qualquer espirito elevado, incapaz de atitudes dignificantes e humanas.

Não autécipo, parem. at seu tempo se verá o que foi a m.º vida profissional.

Quinta da Paz e Lisboa:

2-19 do Novembro de 1956.



... ..

... ..

... ..

... ..

... ..



I

Nome proprio

- Alves { Guilherme de Vasconcelos } : 103
 " { Paul Teles de } : 81
 " { Teferino Carmosza Fervaz de } : 247.
Aires { Teris Louão } : 326, 330-331.
Albuquerque { Afonso de } : 106, 123-125, 133-134.
 " { Alexandre de }, o Xandre : 226-227.
 " { Joaq.^u Maurinho de } : 157-160
Alvada { Alvaro Vaz de } : 98.
Alveida { Ant.^o José de } : 46, 51-52, 77, 78 e 111-112.
 " { Dr. Ant.^o Rileiro da Costa e } : 179.
 " { Artur da Costa Mendes de } : 332, 345-346.
 " { Dr. Fortunato de } : 131, 141, 142-143, 169, 171.
 " { D. Francisco de } : 385.
 " { João de }, general : 248.
 " { D. Laureau de } : 106 e 385.
 " { Luis de Castro e } : 232.
 " { Nicolau Toleubino de } : 385-386.
 " { Solano Maria de } : 329.
Alpedrinha { O } de A Reliquia : 257-258
Alves { José Rileiro } : 85, 137, 139 e 175.
Alvante { Dr. Cruz }, medico : 231, 232 e 233.
Alvaral { Diamantino Antunes do } : 82.
 " { José M.^a Ferreira do } : 326.
 " { Salomão do }, coronel : 236
Andrade { Antonio Lopes Rebelo de } : 372-374.
 " { Gomes Freire de } : 134.
 " { Jacinto Freire de } : 37 e 106
 " { Pains de } : 47.
Andreis { Alvaro de Oliv.^o Soares } : 158 e 160
Aragô { Francisco } : 345.

- Aragon (Louis): 19.
Areosa (F. Duarte), Inspector prim.: 43, 44
Aristo: 261.
Aruoso (Caude de): 78 e 186.
Assis (Machado de): 2-3 e 4
Azeiro (Fr. Paulaleas de): 8.
Auelino (Antonio), professor: 44
Baião (Dr. Antonio): 65-66
Balzac: 1, 243 e 342.
Baptista (Bernardo Pedro de Almeida): ver Pedro
 " (João Rodrigues): 326
Baptistini (Leopoldo): 149-150
Barbas (Ant.º Simões de Carvalho): 85.
Barbosa (Augusto), superh.: 131.
Barreto (Augusto), estudante de direito: 47.
Barros (João de), rec.º XVI: 37.
 " " , rec.º XX: 114-115.
Bastos (Agas Ferreira Pinto): 328.
 " (Francisco): 40-42, 53 e 84.
 " (José Pereira), general: 328.
Baudelaire (Charles): 222.
Belo, airpueiro de Lx.º: 323.
Beunfeito (João Duarte): 351.
Bigaglia (Nicola): cenografo: 54.
Bigoté (Arnaldo): 84.
Bjarkman (Göran): 174
Brocage (M.ª Maria Barbosa du): 356.
Bomfim (Caude do), 2.º: 375.
Barpas (Franc.º de Assis Coelho): 357-358.
Botelho (José Justino Beix.º), general: 65, 102, 244, 245.
Braga (Dr. Alexandre): 158-160.
 " (Dr. Manuel): 302
 " (Dr. Geofilo): 4, 7 e 137.
Branco (João): ver Perestrelo
Brites (Dr. Geraldino da S.º Baltazar): 247.
Brito (José J. Gomes de): 73.
Brochado (José da Cunha): 4.

- Bruyère (La) : 4
Bustarffes { Os meus avós } : 288-289 e 299.
Caleral { Dr. António } : 15
 " { Caude de } : 358-359 e 360
Caggiagni { Julio } : 140
Cajal { Ramon } : 8
Calixto { Dr. Sergio } : 247
Camara { D. João de } : 385.
Candido { Dr. António } : 326
Cauro { D. Leopoldo } : 174
Cardoso { F. }, professor : 45.
 " { Pedro } : 39.
Carlos I { Dom } : 48, 80.
Carvalho { Dr. Adriano José de } : 98
 " { Ant.º Pires de } estudante : 51
 " { Dr. Cleuzente Pereira Gomes de } : 131-133,
 144, 150, 162-169 e 177-179.
 " { Grauc.º Augusto Martins de } : 190, 329.
 " { Dr. Henrique José Ferreira de } : 131, 169-170.
 " { Dr. Joaquim de } : 59.
 " { Dr. " Martins Teixeira de } : 67-
 70, 73 e 115
 " { Dr. José Carlos Pereira de } : 305-314
 " { D. Maria Aqualia Vaz de } : 326 e 331.
Castelo-Branco { Carrilo } : 6, 11, 15, 86 e 383
Castilho { António Feliciano de } : 37.
 " { Julio de } : 8.
Castro { Alberto Osario de } : 47.
 " { Álvaro Xavier de } : 328.
 " { Augusto de } : 112.
 " { Dr. Augusto Mendes Simões de } : 66-67, 69-70,
 83, 89-90 e 102.
 " { Eupreio de } : 34, 53, 56, 58-62, 86, 103-104,
 125, 138 e 141.
 " { Gaucalo Pereira Pimental de } : 336.
 " { Jaime Leitão de } : 375.
 " { D. João de } : 100.

- Castro [P.^e Manuel Joaquim de], Prior de S. Bar.
Polomeu : 16
- Catalão [Francisco Miranda] : 70
" [Gemeirindo Miranda] : 70
- Bergueira [Antônio do Lago] : 187 e 248.
- Chapas [Manuel Pinheiro] : 106, 122 e 385.
- Charcot [Dr. Jean-Martin] : 68
- Chavannes [Puis de] : 148.
- Cicero : 7.
- Cid [Antônio de Matos Sobral] : 232
- Coelho [Adriano Vieira] : 155-156, 292-294 e 296.
" [Alfredo Guedes] : 224-228 e 248
" [José Franc.^o Trindade] : 37-38, 224 e 384.
" [" Marie Latino] : 106, 121-122
- Coimbra [Dr. Leonardo] : 187-188.
- Collingridge [George] : 172.
- Coudeixa [Luiz Fernando], pintor : 107-108.
- Cardeiro [P.^e Antonio] : 218.
- Corazzi [David] : 96 e 98.
- Costa [Dr. Francisco Fernandes] : 131, 141, 143-144, 169 e
171.
- Couveiro [Paiva] : 346.
- Coutinho [João de Azevedo] : 47, 48.
- Cruz [Aurélius de Azevedo] : 376.
" [José Coelho Correia da] : 234.
" [" Pereira da] : 19, 21, 257, 263, 265, 275-277.
- Cunha [Joaquim de Almeida da] : 187.
" [Peixoto e], major, «O Gravando» : 232-233,
235 e 237.
- Deslandes [D. Manuela] : 362-364
- Deus [João de] : 60
- Dias [Carlos Ballino] : 114, 116-117.
" [Manuel Pereira], reitor : 117.
- Daré [Gustavo] : 96 e 261.
- Drummond [Diogo de Sousa] : 33.
- Duharnel [Georges] : 3, 4.
- Duque [Abílio Albano de Lima] : 35-36.

- Duque {Armaudo}: 119, 180-182.
- " {Julio Ernesto de Lima}: 36
- " {Mario Soares}: 81, 116-117, 119, 120-121, 127, 135, 136, 150, 180-182, 192-194, 199, 203, 205-210, 216, 228-230, 252-265, 291, 292, 293, 293-294, 294 e 297.
- " {Raul Soares}: 81, 119, 120-121, 142, 180-182, 214, 216 e 228.
- Eucaruação {Dr. Eusebio Camagnini de Matos}:
vide Camagnini.
- Esquilario, italiano, operário: 21-23.
- Estêves {Raul}: 328.
- Falcão {Franc. Fernandes da Rosa}: 266, 275, 278-280
- " {Dr. José}: 71 e 78.
- " {Silvestre}, estudante: 47, 51 e 53.
- Faria {Geofilo Leal de}: 331.
- Felicia (d.), professora: 36.
- Fernandes {Abilio}: 280-281.
- " {Joaquim José Luis}: 159-160.
- Ferrão {José Maria Dias}: 192-197, 199, 203, 204, 205, 206-211, 217, 220, 229-230, 253-254, 257, 259-260, 264, 265, 268, 272, 275, 284, 291, 292, 293, 294 e 298.
- Ferreira {Benedito F...}: 337, 378-380
- " {Antônio Aurelio da Costa}: 100, 182, 197-98, 243, 297 e 385.
- " {Joaquim Maria}, capitão: 239.
- Figueiredo {d. Cardoso Boyes de}: 37.
- " {Padre}, capelão militar: 73.
- " {Dr. Henrique de}: 186 e 246.
- Fogaca {Antônio}: 37-40
- Fonseca {Dr. Arvila da}: 246
- " {Benedito José da}, estudante: 266 e 280
- Foz {Caude da}: 359 e 360
- " {Marquês da}: 359 e 360
- Fraxoso {Dr. Damasio Jacinto}: 88-90
- França {Benito da}: 331, 343-344.

- França {Anatole}: 10
Frases {Americo de Mendonça}: 82
 " {Mario de Mendonça}: 82
Freitas {Domiepos cont.º dos Santos e}: 73
 " {Guilherme Aug.º Viterio de}: 240
 " {José J. Rodrigues de}: 88, 20
Gaio {Manuel da Silva}: 56 e 126.
Gama {Dr. Eusebio Sanchez da}: 191.
Garcia {Dr. Alberto Torres}: 302
Garrett {Alucida}: 37, 53, 113 e 343.
Gaukast {Louis Pilate de Brinn}: 174.
Gauthier {Theophile}: 185 e 222
Góis {Damião de}: 6
Gomes {Delfim}: 19.
 " {Dr. Franc.º José de Sousa}: 186
Gonçalves {Antonio Augusto}: 27, 34, 42, 46-47, 67,
 75-76, 86, 92, 186, 246 e 301.
 " {Ant.º Nogueira}: 14.
Graujo {Antonio}: 116.
Grilo {Francisco Martins}: 298.
Guerreiros {Candido}: 25, 170.
Guimarães {Viterio}: 328.
Guinguetana: 157.
Heiter {João Maria}: 108.
Herculano {Alexandre}: 37, 96, 99 e 161.
Hugo {Viter}: 277.
Joel, Professor: 93
Joakel (D.), a Rainha Santa: 216
Jardim {Cipriano}: 15.
Junqueiro {Guerra}: 15, 48-49 e 219.
Kropotkin, Principe de: 78.
Lacretelle {Jacques de}: 5
Lage {Dr. Leite}: 146.
Leal {José Joaq.º Mendes}: 91-92, 96, 98, 334-335
 " { " Maria da Silva Mendes}: 161.
Lemos {Alvaro Viana de}: 116.
Leucaste {D. Gerardo de}: 187 e 188.

- Lepierre (Charles) : 148-149.
- Lima (Henrique Campos Ferreira) : 49, 328.
- Lobo (Dr. Franc.º Miranda da Costa) : 70-74, 309-311, 312-313 e 231.
- " (Francisco Rodrigues) : 13.
- " (João Segundo Adesodato Rosa) : 334.
- Lopes (Pastana) : 327.
- Lucas (Dr. Carlos) : 143.
- Lucio (João) : 170
- Luis XIV : 4.
- Macê (Jean) : 87.
- Macado (Armando) : 96-97 e 150
- " (Franc.º Lopes de Lima) : 97 e 175.
- " (José Agostinho de) : 136-137 e 212.
- " (Manuel de) : 108.
- " (Major), de Adm.º militar : 91, 97.
- Machado (F.) violoncelista : 175.
- " (Fernando Pais Sales de Utra) : 328.
- Maduro (José Pereira) : 44.
- Mapamaes (Ant.º Leite de) : 328.
- " (João Evangelista Pinto de) : 335, 350-352.
- Maia (Fernando da Costa) : 333 e 346
- " (Franc.º Ataíde Machado de Faria e) : 54-55.
- Malon (Benoit) : 192 e 193.
- Martins (Augusto da Costa) : 83-84.
- " (Luis) : 293, 294 e 296.
- " (Dr. Manuel Augusto) : 201, 207, 208, 211, 265, 267, 268, 270-271, 275 e 286.
- Mascarenhas (Brais Garcia de) : 65.
- " (José Esteves da Conceição) : 187.
- Mata (José Casiro de) : 150-154
- Matos, pintor : 238-239.
- Meira (Dr. José Pinto) : 301-302.
- Melo (Dr. Ant.º Homeu de), o Gay : 56.
- " (Dr. Franc.º Manuel de) : 13, 37 e 324.
- " (Vicente Pinheiro de) : 115.
- Meudonça (Henrique Lopes de) : 385.

- Menezes {João de}, estudante: 47 e 53
 " {Mário S. Ribeiro de}: 329, 351-352, 378-379.
- Mesquita {Carlos de}: 56 e 178.
 " {Marcelino de}: 385.
- Miranda {José de Oliveira}, 1.º sarg.º: 241-242.
- Moncada {Albano de Seica}: 200, 203, 205-208, 284, 291, 292 e 294.
- Moriz {Egas}, estudante: 158
- Monteiro {Flaurique Pires}: 328.
 " {José}, Vigorato: 263 e 265.
- Morais {Luís Cabral de}: 333.
- Morjan {Charles}: 9.
- Moura {Irmãos Garjão de}: 339.
- Namerado {Abílio de Moura}: 114 e 248.
- Navarro {Ernídio}: 54.
- Neves {Alvaro}: 73
 " {Carriano}, estudante: 232.
 " {Manuel Francisco}, estudante: 253, 265, 278 e 286.
- Nicolau {Zehara}, mestre de meninas: 25
- Nobre {Antônio}: 113.
- Noronha {D. Tomás de}, estudante: 169-170.
- Nunes {Arthur Elietje Ribeiro}: 114, 248, 291, 292, 293, 296, 303-314, 319, 324, 336, 354-364, 367-374, 377-380
 " {Dr. Franc.º Maria de Lima}: 114.
- Oliveira {Alberto de}: 38, 53, 56, 58, 62-64 e 78.
 " {Alcides de}: 156
 " {Luís Alberto de}: 114, 162, 214, 224-228.
- Oyuela {Viscondessa de}: 33.
- Ovidio: 13.
- Pacheco {Dr. Allino}: 222-223.
- Pais {Augusto Gomes}: 34, 85 e 175.
 " {João Gomes}: 23, 28, 36, 50-51 e 87
 " {Sidonio}: 235.
- Paixão, alfaiate: 232.

- Paixão {Fernando}: 232-238
 " {Manuel}: 120.
Parreira {Julio}, professor: 145.
Pato {Raimundo de Balthão}: 7
Paul {José Joaquim Montenegro da Mesquita}: 200,
 204, 205, 206, 207, 208, 253, 254, 265, 271-274
 e 275.
Paxeco {Fran}: 4.
Pedro {D.}, Infante, f.º de D. João I: 98.
 " {Bernardo}: 93-94.
Pedroso {João}, gravador: 99, 108
Peixoto {Dr. Alfredo F. da Rocha}: 246, 247.
Pélico {Zilvio}: 169-170.
Pereira J.^{sr} {Antonio Pires Pereira}: 380-381.
 " {Carlos Alvarez}: 338-339.
 " {Cesar Atanasio da S.^a}: 31.
Perestrelo {Afonso de Melo}: 336-337 e 375.
Pessanha {Tenente}: 337.
Pessoa {Dr. Alberto Cuperfino}, Pai: 130
 " {Ant.º Basimiro Guedes}: 212-214.
 " {Dr. Franc.º da Costa}: 169, 171-172, 176-177.
Pimenta {Ant.º Maria}: 18, 28, 51, 70, 79, 80, 85, 90,
 94, 96, 109, 180, 221, 221, 236, 243, 305, 306,
 e 328.
 " {P.^c Francisco de Assis}: 27, 358-362
 " {José Augusto}: 31, 101, 107, 118, 136, 137,
 172, 218, 219, 382, 383, 384 e 386.
Pimentel {Alberto}, Pai: 147.
Pinheiro {Artur Gito Livio de Alveida}: 115, 120-123.
 " {Feliciano Bardalo}: 332 e 347-349.
 " {Dr. José Luis de Andrade Mendes}: 186, 246.
 " {Columbano Bardalo}: 108.
Pinto {Afonso Henriquez Barbeitos}: 326
 " {D. Anelias de Conceição Silva}: 16, 130 e 174
 " {Fr. Steiter}: 37.
Pires {Emerico Saampaio Saturnis}: 328 e 341.
Poi {Edgard}: 261.

- Portugal { Variasimo } : 35-37 e 45.
Prado { Bernardino } : 199.
Preto { José Joap.^m Mauro } : 111, 169-170
Quadros { Dr. Fausto de } : 115, 144-147.
Queiroz { Fr. João de S. José } : 9
 " { José M.^a Laca de } : 4-5 e 383-384.
Queiral { Antero do } : 86.
Rawachof : 124.
Rejoios { Dr. Joaq.^m Augusto de Sousa } : 67-68, 111-112 e 148-149.
Rêgo { Dr. Alfredo Maria }, juiz : 191.
Reis { P.^o Ricardo Simões dos } : 90-91, 95, 97 e 109.
Renan { Ernest } : 5 e 6.
Ribeiro { Aquilino } : 78 e 79.
 " { Ernesto Rodolfo Pleitje } : 192, 270, 326, 336, 354-355, 359-363 e 367.
 " { Fernando de Almeida }, estudante : 247.
 " { Helder } : 328.
 " { D. Joana Chaves Pleitje } : 354, 361.
 " { D. Julia } : 137-138.
Roley { Sebastião } : 248, 302-314.
Roche { Dr. Augusto } : 157.
 " { Carlos Augusto das Neves }, estudante : 156.
 " { Pinto da } : 47.
Rodrigues { Agapito Pedroso } : 225 e 315.
 " { Dr. Manuel } : 279.
 " { Valerim José } : 225-228.
Rousseau { Jean-Jacques } : 5 e 10.
Sá { D. M. da Cunha e } : 98 e 161.
 " { Pedro de Mauro e } : 83.
 " { Vasconcelos e } : 338.
Sachetti { Carimiro Barreto Ferraz } : 304-314.
Salerna { Tenente } da E. do E. : 337 e 374.
 " { Bento de França Pinto de Oliv. } : v. França.
Salgado { Alberto }, Tenente : 337.
 " { Augusto Bivar Xavier de Azevedo } : 188, 304-314, 324 e 354.

- Saud (George): 322.
Santo (Casério): 124.
Santos (Abílio Augusto dos), alfaiate: 240
 " (Ant.º Carreira dos), comerciante: 156
 " (Francisco Barja dos): 240, 241.
 " (Hermenegido Barja dos): 240-241.
 " (Matoso dos), cauzeiro: 360
Sarmento (José Estevão de Marais): 323.
Schiller: 342
Sebastião (D.): 266.
Seignobos (Charles): 87.
Sepulveda (Leopoldo Aires de Magalhães): vide
 Aires
Sergio (Antonio): 106.
Serraqueiro (José Adelino): 153, 169 e 171.
Seriqué (Madame de): 6
Shelley: 97.
Silva (Agostinho da): 53.
 " (Alberto Bastos da Costa e): 115.
 " (Albino Caetano da): 20-21, 26, 27, 34, 37, 39, 40,
 41, 47, 49-50, 55, 56, 59, 63-64, 67, 68, 69, 71-72,
 76, 78, 80, 84, 85, 86, 104, 104, 107-109, 110, 126, 130,
 138, 144, 148, 178, 221 e 243.
 " (Antonio Diniz da Cruz e): 119.
 " (Dr. Dias da): 276
 " (João Caetano da): 16, 27, 37, 70, 72, 85, 138-139,
 140, 174, 175-176, 232, 234 e 319.
 " (Dr. Luciano Pereira da): 315.
 " (Luís Augusto Rebelo da): 37, 161.
 " (Manuel Caetano da): 17-18, 20, 27, 44, 70, 72, 97
 e 109
 " (Dr. Manuel Emídio da): 91
 " (Roberto Duarte): 149.
Silveira (Antonio da): 101
Simas (Antonio): 324 e 354.
Simões (José M.º de Oliveira): 326, 334 e 353-358.
Solreal (Dr. José), advogado: 73.

- Sobral { Dr. José Colaço Alves } : 188-191 e 300
Sole { Mesquita e }, 2.º cap.º : 233.
Sousa { Hilário Sup.º Valder de Barros e } : 328.
 " Jo.º { António Ferreira de } : 224-228.
 " { Eurico M.º Gouveia Coelho e } : 235-237.
 " { Dr. Joaquim Alves de } : 179.
 " { Dr. José Ferreira Marnoco e } : 153, 190
 " { Fr. Luís de } : 37.
 " { Martin Afonso de } : 101.
 " { Salvador Ribeiro de } : 101
Stendhal : 5.
Tamagnini { Dr. Eusebio } : 246-247.
Teixeira { Dr. Manuel Joaquim } : 150, 169, 171, 177-179.
Telas { Arnibal Babo } : 114, 120-123.
 " { Basilio } : 278 e 286.
 " { Sebastião }, general : 91
Teofrasto : 4.
Tiúto : 9.
Tomé { Dr. António } : 169 e 171.
Torres { Eusebio Luciano } : 248, 315-317, 322-323 e 350.
Trancoso { O } do Campo de Santana : 363 e 364-374
Vaillant, avarquista : 124
Varela { Virgílio }, tenente : 336 e 376.
Vasconcelos { Dr. Ant.º Garcia Ribeiro de } : 56-57, 64-
 66, 86, 102, 134, 178, 216 e 245.
 " { José Cesar de Carv.º Vale e } : 266, 280
Veipa { Augusto } : 19, 73, 198-199.
Veloso { Carlos M.º Sepulveda } : 329.
 " { Dr. Rodrigo } : 41-42.
Ventura { Benjamins } : 300-301.
 " { Dr. Carlos Simões } : 98.
Verue { Julio } : 86, 96, 102, 345-346.
Verde { Cesaris } : 15.
Videira { Manuel Duarte } : 200, 204, 205, 208, 253, 264,
 265, 267-270 e 271.
Vieira { Afonso Lopes } : 78, 79 e 170.
 " { P.º Antonio } : 37.

- Vieira (João Rodrigues) : 74-75.
Waldteufel : 32
Zuguele (Affonso Verissimo de Azevedo) : 187, 248.

II

Varia:

- Allegé de l'Histoire de la Civilisation : 87.
Academia das Ciências de Lx. : 59, 60 e 153.
 " Literaria e Historica (1^a) : 120-123
 " " " (2^a) : 199-213, 253
 e 284-297.
 " Liure : 250-282, 285-289.
 " Particular do Historica : 153
Alhêda (O rio) : 26.
Aluada (O fonal de) : 153.
Almanach de curiosidades para 1891 : 41
Análise crítica ao artigo do Dr. M. D. : 135.
Auarquismo : 22-23, 77-79.
Apola (O vapor) : 28.
Aritmetica (A) de Avôsinho, de J. Macê : 87.
Arquivo Historico Militar : 49, 328 e 376.
Arte, revista, 1894-1895 : 174.
Assentamento (O meu) de graça : 237-240, 241-242.
Ateísmo : 204.
Australia (A descoberta da) : 172-173.
Aventuras de tres russos e tres cypteses : 345-346
Averiguações e critica das datas em que João Gonçalves
 o Larco : 209, 215-218.
Asinhapa de Santarem : 180-181.
Baptizado (O meu) : 16
Barbados : vide Grupo e Picoto
Biblioteca (A minha) : 87
Boletim da Biblioteca da Universidade : 153.
Brasil : Proclamação da Republica : 46, 80
Bauco (Batalla do) : 135.

- Bujos : 17
Caleral (Brazas do apelido) : 177.
Cadete (o m.^a graduação de) : 318-320
Caminho [O], jornal anarquista : 276.
Caminho de ferro da Laurã : 22
Cauases e o P.^o José Agostinho de Macedo : 211
Carafinhal : 17
Carnaxide : e S.^a da Rocha : 350-351.
Carolina (Hotel de), Luso : 88.
Carta de Guia de Casado : 324.
Cartas a um Amigo : 229-230.
Casa da rua de Gomar : 94 e 95.
Ceilão (Ilha de) : 101.
Cerrada da Nôra, Mirauda : 25-27 e 45.
Cinquenta anos depois : 199.
Gloches (Les) de Bâle : 19.
Coimbra : Associação Académica : 298-299.
 " Bombeiros municipais : 275-276
 " " voluntários : 275-276.
 " Café Marques Pinto : 56
 " Cerca do mosteiro de S.^a Clara : 145.
 " Corridas de touros : 14
 " Escola de Farmacia : 189.
 " " Industrial Protetor : 92, 93 e 148.
 " " Livre das Artes do Desenho : 75.
 " Galeria de Louça de A. D. Gonçalves : 42
 " Facult.^a de Letras : 54 e 56
 " " " Medicina : 67-68
 " Ginasio : 83
 " Inspeção de incendios : 275-276
 " Sucima de fitas : 223
 " Manifestações académicas : 46-47, 157-160.
 " Pelourinho : 14
 " Praça do Comercio : 14
 " Praxes académicas : 95, 186-187.
 " Romanos : 14.
 " Sarau de 19-Março-1892 : 83-84.

- Coimbra : Teatro academico : 54-55.
 " : " Auerida : 84
Coimbra em fralda : 38.
Colegio Militar : 329.
Companhia de Jesus : 24.
Conselho de Poiares : Memoria Historica, descriptiva
 etc. : 194-197.
Cuba (Guerra de) : 135.
Datas Historicas (As minhas) : 101.
Datas memoraveis : 101.
Desafronta de Ant. Jose de Almeida : 77.
Desarmamento geral : 181-182
Dia (O) de ponto : 314-315.
Diario de Coimbra : 14.
 " Ilustrado : 15.
Dicionario Bibliografico : 73.
Diu (Os cercos de) : 106
Eleicoes gerais de 1879 : 15
Elementos de Filosofia de Clemente Pereira Gomes
 de Carvalho : 132.
Enfias (Casa de), em Braga : 303-314.
Enterro do Grao : 223
Epistolografia : 297
Escola do Exercito (Admissao e vida real) : 399-321 e
 cap. VII
 " Liure das artes do Desenho : 15
 " Naval : 179 e 185.
Escolha da profissao : 231, 242-244 e 288-289, 79, 179-80
Estudos liceais (Os meus) : 91-92, 96-98, 107, 109-111,
 -112-113, 125, 130-133, 141-143, 150 e 176-179.
 " universitarios (Os meus) : 185-186, 221-
 223, 246-247, 297 e 314-315.
Eugenie Grandet, Balzac : 342
Eusebio Macario, Carrilo : 383.
Exames (Os meus) : 43-45, 88, 97, 125, 133, 143-144
 e 315-316
Exercicios de Literat.ª, no Liceu : 141-143.

- Fastos (Os) de Dn. João I : 13.
Figueira da Foz : férias : 140 e 180
 " " " : Carino Peninsular : 140
Filhos (Os) de D. João I : 86
Filosofia (Aula de), no Liceu : 162 seq.^{tes}; 177-179.
Fotografias (As m.^{as}) : 138.
Funchal : cidade do : 28-33.
 " : capôr da Camp.^a Insular : 33.
 " : colégio de S. Jorge : 32.
Gazeta da Figueira : 198-199
 " Nacional : 72-73.
Genealogia (A m.^a) : 16-17.
Geração (A) de 1820 : 52-54.
 " " revolucionario de 1820-1831 : 52-55, 77.
Godinhela : 247.
Gonçalves (O centenario de Ant.^o - Dep.^{to}) : 76.
Gravura em madeira : 67, 85 e 92.
Grupo do Leão : 74.
 " dos Barbeiros : 300-302.
Grupos musicais e dramaticos : 213-214.
Guarda Lupula (A Luqueta da) : 39, 139, 174-176, 180, 306, 311-312 e 319.
Hissopo (O) : 119.
Historia (O meu gosto pela) : 98-100, 119-123, 134-135, 140, 141, 217-219, 244-245.
Historiographia militar : 65.
Homens (Os) da Cruz Vermelha : 255.
Hoteis : ver Carolina e Lusitano.
In illo tempore... : 223.
Inspecção (A minha) militar : 231 seq.^{tes}
Instituto (O) de Coimbra : 103.
Instrução primaria (A aula de) : 35-36.
Insubmissos (Os) : 53.
Joa (A) do Vice-Rei : 385.
Journal de Vila-Chã : 229.
 " para todos : 41 (1889).
Joséniada : 137.

- Lisboa : café Leão de Ouro : 108
 " : Hotel Univeroso : 323.
 " : Museus : 107.
Litografia (luna) desconhecida : 18
Luzia : 214.
Lypares selectos : ver Figueiredo {Barpes de}.
Luziadas : 212.
Lusitano {Hotel}, em Luzo : 88.
Maçonaria (id) em Coimbra : 189, 250-282.
 " {A m.ª iniciação ma} : 252-277.
Madeira {ilha da} : 28-33.
Marítimo {O} : jornal mes. : 48, 79-80
Medicina de campanha, de Balzac : 243-244.
Memoria a José Falcão : 78.
Memórias dum aprendiz do gravador : 67.
Meus {Os} Amores : 37 e 384.
Mielito {O desembarque no} : 275.
Miniatura (id) : 114-115.
Miranda do Corvo : uma beleza : 17, 25-27.
Miseraveis {Os}, de V. Hugo : 299.
Moniz {Fernão}, romance : 161-162
Mousanto {el revolta de}, 1919 : 49.
Morte de D. João (id), de G. Junqueira : 219-220.
Musica : os meus estudos de : 137-140
Narciso : soneto : 197-198.
Neo-garretismo : 53
Novidades {id} : jornal mes. : 33, 40 e 42.
Olhos de água, Liberia : 180
Opera no Coliseu dos Recreios : 382-383.
Oriente {O}, de J. A. de Macedo : 212.
Orlando Furioso : 261.
Paufrilhosa de Serra : 270
Pastor {O} Peregrino, de Ruiz. Lobo : 13.
Patria {Ideia de} : 23-24.
Patuleia {id}, de 1847 : 70
Pecados Velhos : 134, 135, 141-142, 143, 161, 172, 230,
 298, 383 e 385.

- Paracoua : 214.
Pereira (A família), do Funchal : 31-32
Pico de Tenerife : 31.
Picôto dos Barbados : 300-302
Poema sinfonico sobre a «Morte de D. João» : 219-21.
Poesia : 59.
Poesias de Alberto de Oliv. : 63-64
 " Dispersas de G. Junqueira : 49.
Polemica : 225-230.
Parto : 130
 " Santo (Ilha do) : 28, 33.
Portuguesa (A), hino : 46.
Praxes academicas : ver Coimbra.
Primeiro (O) de Janeiro : 275.
Profissão (Escolha de) : ver Escolha
Realismo : escola literaria : 383
Recordações do Funchal : 30
Religião (A) de Eça de Queiroz : 257-258.
Renascimento : explicação do movim.^{to} de : 61-62
Republica da rua dos Estêncios : 252-281, 284-287.
Resistência, jornal de Coimbra : 199-200.
Revista Militar : 65.
Revolta de 31 de Janeiro : 49-52, 269 e 275.
Revolução de 1830, França : 299.
 " " 28 de Maio : 156.
Rileira (A), jornal copiógrafado : 228-230
 " Prima, Terres Novas : 180-181 e 228.
Sabão (O) Ferrador, farsa : 81
Sagornar : 125
Salteadores (Os), de Schiller : 342
Saudosismo : 53
Sebastianismo : 266.
Selenta (Centenario de) : 223-228
Sereuatas : 214-215
Sirai (Expedição ao monte), rec.^o XVI : 100
Sociedade Anel de Ferro : 145-147
 " do Serpenteas : 34.

- Soldado de Maratona : 125-127.
Subscrição Nacional em 1890 : 47-48.
Tipografia Aux.^a de Escritário : 2, 14, 18, 21-22, 38, 39, 56, 79, 81, 86 e 95.
 " (Lusa) ignorada : 18.
Tipografos em Coimbra : 19.
Terras Novas : 181-182
Traduções : 172-174.
Tres (As) Quermias : 119
Tripeiro (O), revista : 333 e 336
Troças : 81-82
Tuna espanhola, 1887-1888 : 32
Ultimatum de 11 de Jan.^o : 46-48 e 80
Ultimo (O) Cavaleiro, de Cunha e Sá : 98-99.
Ultramontanismo : 24.
Um Jornal, nos. : 134-136
 " " , 2.^a serie, no. : 141.
Um noivado no campo, conto : 384.
Lusa vingança... : 118-119.
Versos da Mocidade, de A. Fogaca : 39.
 " de azeite : 182-184.
 " " Francisco Bastos : 41-42
Vida de Nuno Álvares, de O. Martins : 86
Vila Cha de Poiares : 192
 " Real de Traz-os-Montes : 192
Vizei : 236-238.

III

Geral

- Cap. I :
Palavras breves : pag.^o 1-12
 Cap. II :
Nascimento e primeira infancia. Os pais e os avós. A tipografia e o operariado. O ambiente

te familiar. A «Barrada da Nôra» em Miranda do Corvo. A ida p.^a a Madeira e as recordações. Primeiras tentativas literarias. Regresso a Coimbra e os estudos de instrucção primaria. Relações de familia: Trindade Coelho, Ant.^o Fagaga, Francisco Bastos, etc. Os primeiros exames. O ultimo tem de 1820; o 31 de Janeiro; a Geração de 90. O Eugenio de Castro e o Alberto de Oliveira; o Dr. Vasconcelos, o Dr. Augusto Meudes, o Dr. Feix.^o de Carvalho, o Dr. Costa Lobo; o pintor Rodrigues Vieira e Antonio Augusto Gonçalves. Tendencias literarias. O Ginasio e começo dos estudos liceais.

Pag. 13 - 94.

Cap. III:

Continuação dos estudos liceais. Tendencia p.^a ra estudos historicos. As relações com artistas amigos do Rio Alvaro da Silva. Estudante no Liceu, a capa e batina, os rapazes com quem convivia. Os primeiros versos. A «Academia» na rua de Tomar e as tentativas poeticas e literarias e as polemicas. O Eupenio de Castro. A musica em casa de meus Pais. As ferias em Espinho. Os condiscipulos no Liceu. O Mourinho de Albuquerque e a Academia. A aula de Filosofia. As traduções. A Quinta do Guarda Hytera. A excursão a Terres Novas. A epistolografia e os versos de amor.

Pag. 95 - 184.

Cap. IV:

Matricula na Universidade. A disciplina e os professores. Os condiscipulos e os ~~con~~ contemporaneos. Os «atentados» literarios: o soneto Narciso. As «Academias», sua organisação e funcionamento. Grupo musical-dramatico. Mais atentados literarios. A musica. O poema sinfonico sobre o Martirio de D. João. Os estudos

universitários. O eufemario da Sebeuta. O jornal A Pátria e a polémica com o José Ferrão. A escolha da profissão militar e a inspecção. Ida a Vizeu á junta de recurso. Asestantamento de graça. O Hermenegido Borja dos Santos. O meu estado de espirito nessa altura. Os «ateutados» literarios e as influencias recebidas. O novo ano lectivo na Universidade e os novos condiscipulos.

Pag. 185 - 249.

Cap. V:

Iniciação na Maçonaria: o Mario Dupre e o coeuvite. O José Ferrão. As cerimoniaes da iniciação. Os componentes da Loja Academia Livre. Lipeiros retratos. Algumas considerações.

Pag. 250 - 282.

Cap. VI:

Nova fase da vida, novas relações. A república da rua das Esteirinhas e o 2.º ano da Academia; o foco revolucionario. A escolha da profissão contraditória com o ambiente. Os trabalhos da Academia. Os novos componentes. O meu ano lectivo e os ateutados literarios. A Associação Academica e o seu quadro de honra. Os parreiros com o José Sobral. O Picotó dos Barbados e o Grupo dos Barbados. O Sebastião Boluy e o duelo com o Artur Nunes. O dia de ponto e o soneto. O caso do Ernesto Luciano Torres e o Dr. Arzila. Os exames finais. O galão de cadete. As ultimas férias e a admissão na Escola do Exército. Considerações sobre o destino.

Pag. 283 - 321.

Cap. VII:

Apresentação em Infantaria 23 e desistência da licença registada. Ida para Lisboa e apresentação na Escola do Ex.º, á junta, e admissão á Com-

paixão de alunos. O quarto e os companheiros. O ambiente, os professores. O corpo docente da escola e o corpo de alunos e seus oficiais. A vida no internato. Os estudos, as conferências e episódios varios. As superstições. O exames. O conselho. Elvize Teixeira e seu tio Francisco Diment. O Artur Nunes. O processo do Campo de Santana. A greve do café e as bombas de S.º Antonio. As confissões na Quaresma e as operas no Coliseu. Tentativas literarias. Final do curso, despedida da escola. Comentários.

Pag. 322 - 388.

Indice remissivo:

I: Nomes proprios - - - Pag. 391

II: Varia - - - - - " 403.





